

RESUMO DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Instituição: Universidade Estado de Mato Grosso do Sul

Unidade Universitária de Campo Grande

Mestrado Acadêmico

Ano: 2015

Título: Ensino Da Língua Materna: Prática De Produção De Texto

Orientanda: Berenice Alves da Silva Altafini

Orientador: Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues

Introdução

No âmbito escolar a responsabilidade no que se refere ao ensino das práticas de leitura e escrita fica em maior grau a cargo do professor de Língua Portuguesa. É a partir do sexto ano do ensino fundamental que geralmente o aluno tem o primeiro contato com um professor específico de sua língua materna. Nessa fase o discente já está na escola por pelo menos quatro anos (1º ao 5º ano). Dessa maneira, deve ou deveria ter se apropriado das habilidades de leitura e escrita como está proposto nos PCN de Língua Portuguesa.

Alguns tópicos dos critérios de avaliação registrados nos PCN explicitam algumas habilidades que o educando deve ou deveria ter adquirido relativos à produção textual ao finalizar o 2º ciclo, isto é, o 5º ano do ensino fundamental.

Utilizar a leitura para alcançar diferentes objetivos: ler para estudar, ler para revisar, ler para escrever;
Escrever textos com pontuação e ortografia convencional, ainda que com falhas, utilizando alguns recursos do sistema de pontuação;
Produzir textos escritos, considerando características do gênero, utilizando recursos coesivos básicos;
Revisar os próprios textos com objetivo de aprimorá-los;
Escrever textos considerando o leitor. (Parâmetros Curriculares Nacionais, p.20, 1998).

No entanto a realidade é bem diferente, encontramos alunos que não conseguem escrever de maneira organizada e coerente, o que torna seus textos incompreensíveis. Alguns alunos vão além, pois são copistas, não conseguem produzir textos simples, apenas copiam.

Cada turma na rede pública tem cerca de 30 a 40 alunos, como o professor pode atender as necessidades intelectuais dos alunos lecionando de três a cinco aulas semanais? No sexto ano, da rede municipal de ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, os professores ministram quatro aulas semanais no sexto ano. O que ainda é pouco para propiciar ao aluno o efetivo ensino da língua materna.

De acordo com o Referencial Curricular da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, Mato Grosso do Sul (2008, p.87), o docente deve ensinar ao aluno os quatro eixos da língua; prática de oralidade, prática de leitura, prática de produção textual e prática de análise e reflexão sobre a língua. O que em hipótese alguma é um trabalho simples. Nesse contexto, encontra-se a “gramática” que ainda traz dúvidas de como ensiná-la na escola.

Essa está inserida no eixo prática de análise e reflexão sobre a língua, a dúvida é: Como analisar e refletir a gramática no ensino fundamental? O que é gramática? Vários autores trazem conceitos sobre gramática. Sabemos de forma superficial que a gramática é aquela que normatiza a língua. E o que é língua? É a forma que cada comunidade utiliza para se comunicar. No Brasil, por exemplo, temos a Língua Portuguesa e também a Língua Brasileira de Sinais, as Línguas Indígenas e outras faladas por imigrantes.

Ao produzir um texto o aluno utiliza mecanismos cognitivos complexos, o que não ocorre na oralidade, pois a fala se dá de maneira natural. O ensino/aprendizagem da prática da escrita por envolver um processo complexo, exige mais dedicação tanto do discente como do docente. Serão analisados textos produzidos por alunos do sexto ano do ensino fundamental a luz dos PCN de Língua Portuguesa, assim como dos estudos referentes à prática de produção textual desenvolvidos por Marcuschi, Geraldi e a professora Irlandé entre outros autores que tomam o texto como objeto central para o ensino de língua materna.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Planejar e aplicar atividades de produção de texto no 6º ano do ensino fundamental que contribua com a prática de leitura e produção de texto em sala de aula, assim como analisar o resultado desse processo.

Objetivos Específicos:

- desenvolver em sala de aula atividades de leitura e produção de texto;
- analisar as produções de texto dos alunos;
- avaliar os resultados obtidos;
- aplicar e analisar o questionário do aluno e do professor;
- propor atividades que envolva a gramática de forma contextualizada;
- propiciar aos alunos a leitura de diferentes gêneros textuais;
- comparar os textos dos alunos que participaram do método aplicado com textos de alunos da mesma série que estudam em contra turno na mesma escola.
- contribuir com ensino de produção de texto;
- veicular os melhores textos produzidos pelos alunos em jornal impresso da cidade e também no blog da escola

Metodologia desenvolvida

Foram desenvolvidas atividades relacionadas ao ensino da língua materna com ênfase na prática de produção textual. O método deste trabalho, baseou-se nos PCN de língua portuguesa, foi aplicado em uma turma do sexto ano do ensino fundamental do turno matutino. As atividades propostas foram analisadas considerando uma turma da mesma série, no entanto, a professora e o turno serão distintos. Foi solicitado aos pais autorização para utilizar os textos dos alunos.

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal, situada na periferia da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a escola conta com aproximadamente dois mil alunos divididos em dois turnos; matutino e vespertino.

A metodologia adotada nesta pesquisa é a qualitativa. Pois valoriza o processo e não apenas o resultado. A fonte de dados se ocorre em seu ambiente natural.

Segundo Ludke e André (1986), a pesquisa qualitativa é desenvolvida em uma situação natural, é rica em dados descritivos e tem um plano aberto, que possibilita possíveis adaptações, vê a realidade de maneira complexa e contextualizada.

Participaram desta pesquisa: uma turma do 6º ano do ensino fundamental, sendo 19 do sexo feminino e 15 do sexo masculino do turno matutino e a professora regente de Língua Portuguesa que também é autora desta pesquisa.

Os alunos participaram de atividades que visam aprimorar as suas habilidades e competências no que diz respeito à produção textual. Aqueles que apresentaram muita dificuldade no processo ensino/aprendizagem da prática de produção textual participaram de atividades específicas as suas necessidades de aprendizagem.

O corpus é composto por: questionário do professor, do aluno e produção de texto do aluno. E também com o relatório de campo, onde foi analisada e descrita cada etapa desenvolvida na pesquisa que envolve as dificuldades e facilidades encontradas na execução do trabalho.

A pesquisa está dividida em quatro etapas: questionários, definições, pré-projeto de texto e produção de redação.

A Produção textual no âmbito escolar

A produção textual tem sido alvo de inquietação por parte dos professores de língua materna. Infelizmente, chegam ao sexto ano do ensino fundamental alunos que apresentam defasagem cognitiva bastante expressiva. Isso acarreta no discente inadequação nas habilidades de leitura, escrita e na compreensão textual.

Esta é a realidade enfrentada diariamente pelo docente, o desafio é conduzir o aluno a escrever textos que transmitam de maneira clara, coesa e coerente as ideias do educando, incentivando a sua criatividade, criticidade e sua cidadania.

Se houve um tempo em que era comum a existência de comunidades ágrafas, se houve um tempo em que a escrita era de difícil acesso ou uma atividade destinada a alguns poucos privilegiados, na atualidade, a escrita faz parte da nossa vida, seja porque somos constantemente solicitados a produzir textos escritos (bilhete, e-mail, etc., etc.), seja porque somos solicitados a ler textos escritos em diversas situações do dia-a-dia (placas, letreiros, anúncios, embalagens, e-mail, etc., etc.). [Koch e Elias, 2011, p.31]

É comum os alunos dizerem que não gostam de ler e tão pouco produzir textos, eles não se dão conta que utilizam a leitura e a escrita naturalmente e diariamente. Já na escola esse processo é visto como algo penoso, difícil. Cabe ao professor da língua materna mediar o processo ensino/aprendizagem das práticas de leitura e escrita de maneira contextualizada.

Fica evidente a importância da função da escola em mediar o alunado na aquisição da escrita que vai além do ensino da gramática normativa. O educando a utilizará em suas práticas sociais com maior ou menor apropriação dependendo de como se deu a aprendizagem.

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. Tais palavras e frases isolada, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que têm a dizer. Além do mais, esses exercícios de formar frases soltas afastam os alunos daquilo que eles fazem naturalmente, quando interagem com os outros, que é “construir peças inteiras”, ou seja, textos com unidade, com começo, meio e fim, para expressar sentidos e intenções. Parece incrível, mas é na escola que as pessoas “exercitam” a linguagem ao contrário, ou seja, a linguagem que não diz nada. Nessa linguagem fazia, os princípios básicos da textualidade são violados, porque o que se diz é reduzido a uma sequência de frases desligadas uma das outras, sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão e sem responder a qualquer tipo particular de contexto social. [Antunes, 2009, p.26]

Antunes (2009) deixa claro que a escola deve promover atividades que façam sentido para o aluno. Sendo assim, cabe ao professor traçar metas para que gradativamente o aluno consiga elaborar textos dentro e fora da escola de forma linear, ou seja, com sentido completo e não fragmentado.

Koch e Elias (2011) apresentam três definições para a escrita:

A primeira tem o seu foco na língua, nesta o texto é visto como produto de uma decodificação realizada pelo escritor, devendo ser decodificado pelo leitor, ele não pode ser ampliado, tudo o que se quer dizer está ali.

Na segunda concepção, o foco está no escritor, a língua é vista como representação do pensamento e o sujeito é tido como senhor absoluto de suas ações e de seu dizer.

A escrita com foco na interação é a terceira concepção, nesta a escrita é vista como produção textual, ao produzir o texto o escritor de maneira não linear, pensa no que vai escrever e em seu leitor, só depois, escreve, lê, revê e, se necessário, reescreve o seu texto.

As autoras concordam entre si que a concepção mais aceita, tanto na linguagem quanto na escrita, está voltada para a interação. E é neste contexto que o docente deve reger as suas práticas metodológicas aplicadas em sala de aula. Para que isso ocorra é preciso inserir as teorias nas práticas de ensino da língua materna.

Além do conhecimento gramatical é necessário que aluno saiba ler e escrever. Isto é compreender o que lê e não apenas decodificar. E escrever, explicitando de maneira organizada e coerente o seu pensamento.

O texto é um evento sociocomunicativo, que ganha existência dentro de um processo interacional. Todo texto é resultado de uma coprodução entre interlocutores: o que distingue o texto do escrito do falado é a forma como tal coprodução se realiza. (Koch e Elias, 2011, p.13).

As autoras apresentam as diferenças entre o texto falado e o escrito. No texto escrito não há participação direta do leitor, pois existe um distanciamento entre escritor e leitor. O escritor leva em conta a perspectiva do leitor, dialoga com o mesmo e prevê suas respostas e reações.

Já o texto falado se dá no próprio momento da interação, pois os interlocutores estão presentes e acontece uma interlocução ativa. É como se fosse um rascunho, o que não ocorre com a escrita, pois pode ser melhor elaborada porque o escritor tem mais tempo para revisar seu texto.

Os alunos principalmente ao iniciar o ensino fundamental II (sexto ano), ainda não distinguem bem a diferença entre o texto falado e escrito, no momento em que elaboram seus textos. Assim na prática de produção textual, utilizam marcas da oralidade no texto escrito de maneira inadequada, assim como a linguagem da internet.

O desafio está em levar o alunado a identificar e empregar cada modalidade textual de acordo com o contexto. Pois, existem textos escritos que utilizam marcas orais como as histórias em quadrinhos por exemplo. E por outro lado existem textos escritos que não admitem marcas da oralidade como os textos de opinião.

Ora, a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada. Ao entrar em contato com a escrita precisa adequar-se às exigências desta, o que não é tarefa fácil. É por essa razão que seus textos se apresentam evadido de marcas da oralidade, que, aos poucos, deverão ser eliminadas. (Koch e Elias, 2011, p.18).

O processo de ensino da produção escrita não se dá de maneira natural como a aquisição da fala, por isso é um processo moroso, que exige a paciência do professor e as intervenções necessárias para o bom desenvolvimento da produção escrita.

Para Giraldi (2013), a produção de texto tanto oral como escrito é considerada como ponto e de chegada e partida de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua. É ao produzir um texto que o aluno utiliza todo seu conhecimento linguístico. Durante a produção este tem a possibilidade de expressar o seu ponto de vista. Assim, tem a liberdade de escolher as palavras e combiná-las produzindo o seu próprio discurso.

Dessa forma, cabe ao professor desenvolver atividades que levem o aluno a produzir textos na escola e não para escola como destaca o Giraldi (2013). Segundo o autor existe diferença entre escrever um texto e produzir uma redação. O texto produzido para escola contém muita escrita e pouco discurso. Já na produção de redação além da escrita pode-se encontrar o discurso de seu autor.

Para que haja produção de redação na escola o aluno precisa se preparar para produzi-la. Ao se apropriar do tema a ser tratado em seu texto possivelmente o educando poderá utilizar o seu discurso na produção. Além disso é preciso que o aluno saiba quais são os objetivos da produção e quem será o leitor do seu texto.

Considerações finais

As etapas percorridas ao longo deste trabalho configuram-se em desafios estabelecidos tanto para alunos como para as professoras. Os alunos foram direcionados a produzir textos aos quais não estavam familiarizados: texto de opinião. Isso porque geralmente os manuais apresentam propostas de produção de texto de opinião a partir do 8º ano do ensino fundamental II. Dessa forma, as professoras se abstiveram da “zona de conforto” e desenvolveram propostas de produção textual envolvendo “as capacidades de linguagem dominante do argumentar” (Marcuschi, 2008:219).

A partir do questionário da professora constatou-se que algumas práticas utilizadas pela docente eram semelhantes as que foram propostas na metodologia do presente trabalho: realiza leitura dos textos lidos em sala – individualmente ou de forma compartilhada. Relaciona o ensino da gramática ao texto, no entanto, a professora não explicita como essa prática de ensino ocorre. Os alunos são livres para escolherem o título de suas produções textuais. Corrige o texto e devolve aos alunos para que façam a reescrita.

A prática de produção textual proposta neste trabalho se diferencia das demais, principalmente no que se refere à correção dos textos produzidos pelos discentes. Pois, o texto não é corrigido exclusivamente pela professora. Os alunos leem seus textos reescrevem-nos, e trocam entre si as suas produções textuais. Para tanto, fazem uso constante do dicionário, ampliando significativamente o domínio lexical da língua materna o que contribui com o desenvolvimento das suas práticas languageiras. Os alunos são direcionados pela professora a reescrever seus textos levando em consideração a correção feita por seus colegas. Só então, a professora realiza a correção utilizando marcações pré-estabelecidas com os discentes, para que eles reescrevam os seus textos de maneira autônoma.

A partir da análise das redações evidenciou-se que alguns discentes apresentam inadequações relativas ao domínio da escrita que possivelmente é consequência da alfabetização que recebera nas séries iniciais do ensino fundamental. Embora os PCN de Língua Portuguesa do 1º ao 5º ano do ensino fundamental ao abordar os conteúdos de prática de produção textual, preconizam que os alunos produzam textos: Considerando o destinatário, a sua finalidade e as características do gênero. Dividi-lo em frases utilizando a pontuação, reunir frases em parágrafos. Acentuar as palavras, utilizar o dicionário para resolver as dúvidas relacionadas à ortografia entre outros. (Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa, 1997: 84). Pode-se entender que nesta etapa da aprendizagem (término do ensino fundamental I), o aluno já deveria ter superado as dificuldades de alfabetização.

No entanto, os dois primeiros textos dos alunos apresentaram ausência das habilidades de escrita prevista nos PCN. Por isso, os textos foram considerados “ruins”. Os textos dos alunos 3 e 4, foram considerados “medianos”, por apresentarem algumas inadequações relativas aos aspectos gramaticais e ao gênero textual solicitados. Os textos dos alunos 5 e 6 foram considerados “bons”, por terem alcançados os requisitos solicitados tanto gramatical quanto ao gênero textual.

Web revista Página de debates

Questões de
LINGUAGEM

Edição 24 – Janeiro de 2020
Artigo recebido até 30/12/2019
Artigo aprovado até 22/12/2019

Por fim, foi possível concluir que “dominar” os aspectos gramaticais da língua como: ortografia, pontuação, concordância e acentuação, contribuem com a organização das ideias e possibilitam a construção de textos coesos e coerentes. Já os alunos cujos textos foram considerados “ruins”, não atingiram a finalidade da produção de texto que é o da comunicação, pois, os alunos não conseguiram por meio da escrita expor suas ideias. Dessa forma, cabe ao professor de Língua Portuguesa encontrar meios de alfabetizar alunos que iniciam o ensino fundamental II (alunos com problemas de alfabetização), pois, é inviável retorná-los ao ensino fundamental I.